

SILVA, Marcos A. da. *História - O Prazer em Ensino e Pesquisa*. São Paulo, Brasiliense, 1995.

Para Historiadores que também trabalham com Educação, o livro de Marcos Silva deve ser saudado como iniciativa de grande significado pois são poucas as produções historiográficas que abordam temas de tão relevante importância quanto os nele contidos.

Em termos gerais, a obra mostra que ensinar-pesquisar História pode ser ação prazerosa. Em torno dessa preocupação central, gravitam discussões sobre Imediato, Memória e Patrimônio Histórico. Nesse sentido, enquanto a maioria da produção na área aborda a produção de saber isolando Ensino de Pesquisa, esse volume nos ensina como tal conhecimento se produz exatamente nos atos de pesquisar e ensinar.

Na composição dos capítulos, prevalece uma concepção de História como pluralidade de fazeres por diferentes sujeitos, além das representações desses fazeres, que se aportam na cultura. Nessa forma de pensar, o vivido se mistura com a construção da teoria, entendida como fazer e representação, os quais se balizam nos valores de cada sociedade.

Por outro lado, com a preocupação de não coisificar os fatos e seus agentes, o Autor propõe que o fato histórico tenha como importante referência o imediato, o tempo presente relacionado com múltiplas temporalidades - o outrora e também o porvir. É dentro dessa concepção que ele traz à tona o papel da memória como representação capaz de manter contatos com o passado, matizado pelo agora, e de reconhecer como legítimos os sonhos e as utopias dos homens.

Respalado nessa concepção de História, Silva critica o conceito de Patrimônio Histórico quando reduzido exclusivamente a acervos de museus, logradouros ou "cidades históricas", lembrando que, por trás desses monumentos, encontram-se fazeres humanos, que devem ser levados em conta na formulação do conhecimento. Sugere, então, que também sejam considerados naquela categoria o cotidiano e as artes, dentre outras práticas.

Com essa compreensão da História, o livro nos convida a pensar em Educação e Ensino também como fazeres humanos, que se mesclam a cada momento, pois as posições de Professor e Aluno revezam-se, constantemente, quando se parte do entendimento gramsciano de que "todo homem é um filósofo" (cf. *Concepção Dialética da História*). Nesse sentido, estudar e ensinar História jamais se constituem em práticas isoladas de outras disciplinas, das próprias pessoas nelas envolvidas, das diferentes temporalidades nem, muito menos, da invenção cotidiana de homens e mulheres.

É dentro dessa perspectiva de uma História plural, buscando excluir a dicotomia entre vivido e pensado, prazer e luta, ensino e pesquisa, que se realiza o prazer de produzir História, a grandeza de se poder dizer: somos Historiadores.

Cléria Botelho da Costa
Depto. de História da UnB,
Doutora pelo DH-FFLCH/USP